



ARQUEOGENEALOGIA E O DIAGNÓSTICO DO PRESENTE: DE NIETZSCHE A FOUCAULT

João Jânio da Silva Lira¹

RESUMO: Michel Foucault considera que a tarefa da filosofia contemporânea consiste, desde Nietzsche, em diagnosticar o presente e não mais dar respostas prontas e acabadas para tudo e todas as coisas. Nesta linha de pensamento, o presente artigo busca investigar o conceito de diagnóstico do presente no pensamento do filósofo francês. O objetivo é identificar como essa concepção se apresenta no pensamento foucaultiano e apresentar como sua arqueo-genealogia enquanto *modus operandi* permite o diagnóstico do tempo presente. Para isso, analisamos a tessitura arqueo-genealógica da filosofia do autor para apresentar em que medida esse método filosófico lhe propiciou diagnosticar o presente.

Palavras Chave: Arqueogenealogia; Diagnóstico do presente; Michel Foucault; Nietzsche.

ARCHEOGENEALOGY AND THE DIAGNOSIS OF THE PRESENT: FROM NIETZSCHE TO FOUCAULT

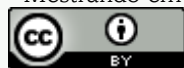
ABSTRACT: Michel Foucault considers that the work of contemporary philosophy has consisted, since Nietzsche, in diagnosing the present and not giving ready and finished answers to everything. In this line of thought, this article seeks to investigate the concept of diagnosis of the present in the French philosopher's thought. The objective is to identify how this conception is presented in Foucault's thought and to show how its archaeo-genealogy as a *modus operandi* allows the diagnosis of the present time. For this, we analyze the archaeo-genealogical structure of the author's philosophy to present the extent to which this philosophical method enabled him to diagnose the present.

Key words: Archeogenealogy; Diagnosis of present; Michel Foucault; Nietzsche.

INTRODUÇÃO

Michel Foucault (1926-1984) se empenhou em analisar como as condições de possibilidade dos discursos se estabeleceram ao longo da história recente do ocidente a fim de diagnosticar o que é a Modernidade. O pensador francês foi um dos maiores intelectuais do século XX e a interdisciplinaridade que lhe era característica o permitiu se debruçar sobre os mais diversos objetos de estudo das mais diversas áreas do saber, tais como a crítica literária, história, pedagogia, psicologia até a filosofia. Seu “despertar intelectual” para a análise

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: joao.jlira@ufpe.br



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



das práticas discursivas e dos dispositivos de poder se deu a partir da leitura da obra *As Considerações Extemporâneas* (1873-74), do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-900), o filósofo do *Zaratustra*.¹ Nesta obra Nietzsche nos legou uma explanação das necessidades e desvantagens da história para a vida. De acordo com Céline Denat (2010, p. 85), Escrita logo após O nascimento da tragédia, que, por conta de um duplo mal-entendido, foi reduzido pela maior parte dos leitores a um texto cujo propósito era estritamente filológico ou um elogio da música wagneriana pretensamente concebida como “renascimento da tragédia”, as *Considerações extemporâneas* podem ser entendidas como uma tentativa de pôr um termo a esses mal-entendidos. Foucault, por seu turno, se valeu deste filósofo para empreender grande parte do seu *modus operandi* filosófico, que consiste em certa medida, num estudo histórico-filosófico.

Nesse sentido, em uma entrevista intitulada *Qui ête-vous, professeur Foucault?* de 1967², ao ser questionado sobre seu trabalho intelectual e como ele se vê dentro da história da filosofia, assere: “Eu procuro realizar um diagnóstico do presente: dizer o que somos hoje e o que significa hoje, dizer o que nós dizemos” (FOUCAULT, 2005, p. 34). Esta fala nos permite uma interpretação sobre o que o autor trabalha em seus livros, ditos e escritos quando se vale da história para compreender o presente, isto é, de uma investigação arqueogenealógica para compreender o presente. Sendo assim, com a intenção de explanar o aqui mencionado, - isto é, o que significa o *diagnóstico do presente* no pensamento de Michel Foucault, bem como de fazê-lo sugerindo que será efetivado através de um estudo arqueogenealógico, este artigo irá apresentar em três seções.

Este termo se configura a partir da junção dos conceitos ‘arqueologia’ e ‘genealogia’ e diz respeito à atividade desenvolvida por Michel Foucault em suas “fases de pensamento”. Este termo tem uma função importante no estudo do pensamento de Michel Foucault por engendrar uma distinção no modelo investigativo do autor, que se configura da junção de dois conceitos caros ao pensamento do autor: ‘arqueologia’ e ‘genealogia’. Tal

² Esta entrevista fora cedida por Michel Foucault em 1967, encontra-se em “*Che cos’è Lei Professor Foucault?*” (“*Qui ête-vous, professeur Foucault?*”; conversa com P. Caruso; trad. C. Lazezeri). *La Fiera letteraria*, ano XLII, n. 39, 28 de setembro de 1967, p. 11-15. O texto publicado em 1969 consta em: In Caruso (P.). *Conversazione con Claude L. Lévi-Strauss, Michel Foucault, Jacques Lacan*, Milão, Mursia, 1969, p. 91-131.



conceito “exerce, por si só, a função de indicar o interesse doutrinário de transcender qualquer tentativa “irresponsável” de dicotomizar um pensamento repleto de complexidades, direcionando os olhares para outros caminhos perfeitamente pertinentes dentro obra de Michel Foucault (CHAVES, 2016, p. 15). Usaremos o termo arqueogenealogia em detrimento de arque-genealogia por considerarmos indistintos a arqueologia da genealogia no pensamento do autor.

1) Apresentar a noção de uma filosofia como diagnóstico do presente, onde iremos introduzir o conceito de *diagnóstico* e de *presente* a fim de apresentar sua importância dentro da empreitada filosófica foucaultiana; 2) um excursão sobre a chamada arqueo-genealogia foucaultiana, explicitando sua contextualização terminológica e conceitual, apresentando a distinção de cada período de produção filosófica do autor: os períodos denominado *arqueologia do saber*, *genealogia do poder* e *genealogia da ética* dando ênfase, contudo, às concepções de arqueologia e genealogia; e 3) expor a ligação entre arqueo-genealogia e o diagnóstico do presente. Aqui apresentaremos a leitura de que a metodologia histórico-filosófica de Foucault serve ao diagnóstico de um *éthos* contemporâneo.

1 A FILOSOFIA COMO DIAGNÓSTICO DO PRESENTE

Em 1967 ao ser questionado sobre sua trajetória intelectual e como ela se enquadra dentro da filosofia contemporânea, Foucault responde afirmando dizer que, se se pode se considerar filósofo é porque pratica o que é a tarefa da filosofia contemporânea, sobre a qual pelo menos desde Nietzsche consiste não mais pretende dar respostas prontas e acabadas a tudo e todas as coisas mas em diagnosticar o presente (FOUCAULT, 2005, p 34) e, neste sentido que pode ser considerado filósofo pois o que ele procura é “realizar um diagnóstico do presente: “dizer o que somos hoje e o que significa hoje, dizer o que nós dizemos”. Nesta fala do autor, fica visível que sua intenção com suas investigações filosóficas é compreender a atualidade.

Creio que existe certo tipo de atividades “filosóficas”, em domínios determinados que, em geral, consistem em diagnosticar o presente de uma cultura: esta é a



verdadeira função que podem ter hoje os indivíduos a que chamamos filósofos (FOUCAULT, *Dits et Écrits X*, p. 4).

Salma Tannus Muchail no livro *Foucault, simplesmente* (2004) mostra em que medida este conceito aparece nos ditos de Foucault. Para ela, a compreensão da filosofia como diagnóstico para Foucault é em vários momentos e de muitos modos formulada pelo autor (MUCHAIL, p. 93); “já em uma entrevista de 1967, por exemplo, declara-se filósofo por reconhecer-se no trabalho de quem busca diagnosticar, realizar um diagnóstico do presente. O que desde Nietzsche caracteriza a filosofia contemporânea”.

Em *Dialogue sur le pouvoir*, Foucault diz: "Se eu faço isso, é com o objetivo de saber o que nós somos hoje" (FOUCAULT, *apud* REVEL, p. 17). Mas o que Foucault quer dizer quando afirma “pretendo dizer o que somos hoje”? Ele quer descobrir o *éthos* constituinte dos discursos da Modernidade. Na leitura de Edgardo Castro sobre a Modernidade, tal período aborda um *éthos* (CASTRO, 2009, p. 170). Não se trata de levar a cabo uma genealogia da Modernidade, mas a Modernidade como questão.

Tal *éthos* comporta uma atitude crítica de análise dos limites. Essa crítica é arqueológica no seu método [...] e genealógica em sua finalidade: "Não deduzirá da forma do que somos o que nos é impossível fazer ou conhecer, mas extrairá da contingência que nos fez ser o que somos a possibilidade de não ser, fazer ou pensar o que somos, fazemos ou pensamos" (*Dits et Écrits V. 4*, p. 574).

Como nos fala Edgard Castro (2009), esse *éthos* moderno comporta uma crítica que tem por método a arqueologia, mas uma arqueologia enquanto crítica. Não dá para desligarmos a Modernidade de seu caráter crítico. Mas diagnosticar a realidade de um tempo vai além de estabelecer o que o constitui, é preciso marcar as diferenças, as constituições e descontinuidades a partir dele mesmo.

Diagnosticar a realidade consiste em estabelecer o que constitui nosso presente, os acontecimentos que repetimos (por exemplo, a separação razão/loucura. Mas a atualidade não é somente o presente no sentido da repetição. Diagnosticar a atualidade consiste também em marcar as diferenças. Não se trata de compreender o presente a partir do passado (como uma época do mundo) nem do futuro (como anúncio ou promessa), mas em sua diferença, a partir de si mesmo (CASTRO, 2009, p. 107/8).

Segundo Martins (1998, p. 72) em Foucault “a filosofia como diagnóstico do presente” está estreitamente ligada a sua ética intelectual. Mas o propósito desta função que é



diagnosticar o que o é o presente caracteriza o que nós somos hoje e em seguida distingue as linhas de fragilidade dessa caracterização, isto é, seus “devires”. “Basta-nos verificar como Foucault opera todo um outro desdobramento do espaço e do tempo, e faz um uso da história como uma contramemória, produzindo com isso, tal como Nietzsche, um agir contra o tempo, sobre o tempo, em favor de um tempo por chegar” (MARTINS, 1998, p. 73).

O diagnóstico assim entendido não estabelece a constante de nossa identidade pelo jogo das distinções. Estabelece que somos diferença, que nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história a diferença dos tempos, nosso eu a diferença das máscaras. Que a diferença, longe de ser origem esquecida e recoberta, é a dispersão que somos e que fazemos (FOUCAULT, 1985, p. 150/155).

Foi para levar a cabo este tal diagnóstico que Foucault empreendeu um modelo de investigação que não é nem somente filosófico nem tão somente historiográfico, mas histórico filosófico que teve por finalidade perceber o que somos hoje. Em um dos seus últimos cursos no *Collège de France* Foucault retoma a questão do presente e coloca a “história” como afiliação ao seu pensamento. Nesse curso o filósofo comenta o texto *Was ist Aufklärung* (*O que é o Iluminismo*) do filósofo alemão Immanuel Kant e “apresentando de forma relativamente discreta, quase lateral, a questão da teleologia imanente ao processo mesmo da história” (MARTINS, 1998, p. 19/20). No entanto, a questão que Foucault diagnostica emergir é “a questão do presente, a questão da atualidade: que é que se passa hoje? O que é que se passa agora? E o que é esse ‘agora’, no interior do qual estamos uns e outros; e que define o momento em que escrevo?” (FOUCAULT, 1984, p. 103).

De acordo com Martins (1998) Kant teria fundado duas vertentes críticas que a filosofia moderna se dividiu. De um lado, uma analítica da verdade, que é concebida como um estudo das condições pelas quais o conhecimento é possível; já de outro lado, teria se fundado uma ontologia do presente “ou de nós mesmos”, esta vertente interrogava sobre a nossa atualidade. Foucault, portanto, se embrenhou nestes ditames da filosofia.

A escolha filosófica à qual nós nos encontramos confrontados atualmente é essa: pode-se optar por uma filosofia crítica que se apresentará como uma filosofia analítica da verdade em geral, ou pode-se optar por um pensamento crítico que tomará a forma de uma ontologia de nós mesmos, de uma ontologia da atualidade: é esta forma de filosofia que, de Hegel à Escola de Frankfurt, passando por Nietzsche e Max Weber, fundou uma forma de reflexão dentro da qual tentei trabalhar (*Idem.*, p. 112)



Foucault portanto nos diz em qual linha de investigação filosófica seguiu nos seus estudos. No entanto, devemos apresentar como o autor francês o fez e para isso nos detenhamos agora no método utilizado pelo autor chamado arqueogenealogia.

2 A ARQUEOGENEALOGIA COMO *MODUS OPERANDI*

Em sua primeira fase de pensamento na década de 1960, Foucault nos mostra em *As palavras e as coisas* (1966) e em *A arqueologia do saber* (1969) como funciona um método utilizado em *A história da loucura* (1961) e em *O nascimento da clínica* (1963). Ele apresenta-nos em seus dois primeiros livros como e sob quais condições surgiram na modernidade os saberes sobre a psiquiatria e o surgimento da medicina. Nas duas últimas obras citadas, contudo, o filósofo francês explica sua metodologia histórico-filosófica. Mesmo embora o autor trate de temáticas diferentes nesses livros, esse modelo metodológico denominado arqueologia do saber é comum a todas. Foi com este método que o autor desnudou filosoficamente como a relação poder-saber discipliniza sujeitos e produz subjetividades. Na segunda fase de seu pensamento, isto é, na década de 1970, que o tema do poder é analisado por Foucault, nesse período o pensador se detém na análise genealógica das relações e técnicas de poder; foi nesse período que o autor iniciou suas aulas no *College de France* onde lecionou até sua morte em 1984. Ademais, o último período de produção filosófica do autor corresponde dos anos de 1980 a 1984, período em que o tema da ética toma maior força. Esses últimos dois períodos de produção filosófica são denominados respectivamente Genealogia do poder e Genealogia da ética.

Nas obras de Foucault, o termo arqueologia propriamente dito aparece em *O nascimento da clínica*, em *As palavras e as coisas* e em *A arqueologia do saber* e de acordo com Judith Revel (2002) há uma operação da arqueologia em diferentes dimensões, a saber, a filosófica, a econômica, a científica, a política, isto a fim de obter “as condições de emergência dos discursos de saber de uma dada época” (2005, p. 16). Sobre a arqueologia em Foucault, essa concepção deve ser entendida na medida que acrescenta-se a ela a noção de sujeito enquanto objeto de conhecimento. Qizhi Yu em seu ensaio *L'archéologie habituelle et l'archéologie foucauldienne* (1999) mostra que a arqueologia em Foucault difere da arqueologia



no sentido tradicional na medida que “faz aparecer um domínio particular, estável e autônomo como o arquivo, as formações do discurso, as positivities, o *a priori histórico*, os enunciados e suas condições constituintes” [...] (YU, 1999, p. 227), enquanto que a arqueologia tradicional “em sentido próprio seria a ciência que estuda os objetos, as artes e os monumentos antigos; que toma por objeto os documentos materiais humanos” (BAYS, 2010, p. 17). Sobre o sentido de arqueologia em Foucault, essa concepção deve ser entendida na medida que acrescenta-se a ela a noção de sujeito enquanto objeto de conhecimento.

A noção de arquivo para Foucault se mostra importante no que vai se estruturar como modelo metodológico para o seu modelo de estudo histórico-filosófico. Gilles Deleuze (2017) explica que nesse prisma “não há dúvida de que o arquivo tem alguma coisa a ver com a história, o arquivo tem por objeto a formação histórica, os arquivos remetem às formações históricas [...] O arquivo é sempre o arquivo de uma formação (Deleuze, p. 11).

Por conseguinte, ao final da década de 1960 e início de 1970 há uma mudança no modo investigativo do autor. Judith Revel (2005, p. 52) explica que “pelo menos desde a publicação de *As palavras e as Coisas*, Foucault qualifica seu projeto de arqueologia das ciências humanas mais como uma genealogia nietzschiana do que como uma obra estruturalista”. Nessa linha de pensamento, o método utilizado por Foucault passa da arqueologia, um estudo pelos arquivos, ao modelo genealógico, uma metodologia histórico-filosófica. No início da década de 1970 Foucault participa de um congresso em homenagem a Jean Hyppolite e escreve um texto publicado como *Nietzsche, a genealogia, a história* (1971/2000). Este texto marca definitivamente sua transição da arqueologia para a metodologia genealógica.

A passagem da arqueologia à genealogia é uma ampliação do campo de investigação que inclui de maneira mais precisa o estudo das práticas discursivas e não-discursivas. Em outras palavras, agora ele analisa o saber em termos de estratégia e táticas de poder (CASTRO, 2009, p 185). De modo geral fala-se de um “período genealógico de Foucault para fazer referência àquelas obras dedicadas à análise das formas de exercício do poder” (*Idem.*, 184). O que Foucault pretendia, no entanto, não era tão somente apreender condições de possibilidade pelo qual um determinado saber se originou, mas as condições de emergência,



nascimento, origem e proveniência e ficou claro com a publicação do ensaio intitulado *Nietzsche, a genealogia, a história* em 1971.

Resumidamente, temos uma espécie de introdução a partir da ideia de genealogia cinzenta como abertura do trabalho na qual Foucault compreende-a como uma oposição à pesquisa da origem. Na segunda parte, um longo trabalho com o vocábulo *Ursprung* cuja finalidade é tematizar e desenvolver esta recusa da origem que faz a genealogia. Na terceira parte, por um viés analítico sobre alguns vocábulos no alemão que Nietzsche utiliza para designar a pesquisa propriamente genealógica, há todo um trabalho sobre a genealogia como *Herkunft* e, na quarta parte, como pesquisa da *Entstehung*. Na quinta parte, Foucault elabora o modo como a genealogia é uma crítica da própria ideia de história, isto é, a *wirkliche Historie* seria o modo conforme o qual Nietzsche faz uma genealogia da história, uma espécie de dobra da história efetiva sobre a história dos historiadores. Na sexta parte, encontraremos o mesmo tema da quinta parte posta diante de uma nova problematização: como a genealogia poderia ainda ser histórica se a história foi entendida genealógicamente, por Nietzsche, como possuidora de um sentido histórico que, na verdade, é supra histórico. Se dependente de toda uma filosofia da história que a teria convertido em fabulação metafísica, como a genealogia produz o seu sentido histórico? Na sétima parte, Foucault responde propriamente esta pergunta mostrando que há três usos do sentido histórico em Nietzsche (RIBEIRO, 2018, p. 128).

Neste texto, Foucault se aprofunda no aparato conceitual da filosofia de Nietzsche e destrincha alguns conceitos de sua genealogia, ressaltando a peculiaridade literária do filósofo alemão a fim de fazer aparecer como os desdobramentos “meta-históricos” das “significações ideais e das indefinidas teleologias” surgiram na Modernidade (2008, p. 261), bem como fora explanada pelo pensador alemão quando o mesmo buscou expor as querelas metafísicas de seu tempo. De acordo com o filósofo francês, o que predomina quando se trata da genealogia é uma investigação que se opõe à “pesquisa de origem” (*Idem.*), isto é, o empreendimento de genealógico nietzschiano não busca as origens, mas pretende primeiramente expor as condições de “emergência” dos valores do seu tempo.

Diferentemente do período da arqueologia, Foucault não escreve uma obra propriamente dita sobre o tema, no entanto, neste ensaio de 1971 ele nos apresenta uma metodologia utilizada por Nietzsche denominada genealogia. Uma definição sucinta que Foucault utiliza para descrever a metodologia genealógica é “cinzenta, meticulosa e pacientemente documentária”, qual trabalha com pergaminhos “embaralhados e, muitas vezes, reescritos” (FOUCAULT, 2005, p. 260). Segundo Carlos Eduardo Ribeiro, para Foucault “a genealogia é cinza porque ela é minuciosamente documentária, ou seja, ela porta algo como



uma suspensão de si mesma ao se preocupar com a minúcia do saber, com o acúmulo que, no fim das contas, é uma espécie de acúmulo documental de toda origem (RIBEIRO, 2018, p. 129). A genealogia exige do “genealogista” certa “obstinação” e uma “minúcia do saber”, pois, a pesquisa cinzenta da genealogia não pretende construir “monumentos ciclópicos”, mas perceber verdades não claras no decorrer da história. “A minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, paciência. Ela não deve construir seus monumentos ciclópicos através de grandes erros benfazejos. Mas de pequenas verdades inaparentes, estabelecidas por um método severo” (FOUCAULT, 2008, p. 260).

Nesse texto, Foucault destaca os principais conceitos operantes da genealogia nietzschiana e afirma seu caráter de oposição à história-metafísica e também à busca das origens. Nela é exposta os motivos pelo qual a pesquisa genealógica se opõe à pesquisa de origem, bem como sua distinção da “história efetiva” (*wirkliche Historie*) e sua recusa pela história metafísica e as indefinidas “teleologias”.

Quando se busca o surgimento de um saber, busca-se sua origem ou suas condições de emergência? Sobre essa questão, notamos como Foucault em seu ensaio “escava o terreno” da genealogia nietzschiana a fim de responder a esta pergunta inquietante e que tem por princípio, dois conceitos essenciais, a saber, os termos origem (*Ursprung*) e proveniência (*Herkunft*). Foucault explica que o conceito de *Ursprung* (origem), é usado em certos momentos pelo filósofo alemão em alternância ao conceito de *Herkunft* (proveniência), *Abkunft* (nascimento), *Entstehung* (emersão), pois há, em Nietzsche, uma disposição sutil na forma de compor sua investigação acerca da “constituição dos valores” de seu tempo. Foucault nota que ao se tratar do uso destes termos, a tentativa de Nietzsche era fazer um “inquerito” acerca da origem dos preconceitos morais.

O termo então utilizado é Herkunft. Em seguida, Nietzsche volta atrás e faz o histórico dessa investigação em sua própria vida; lembra o tempo em que caligrafava a filosofia e em que se perguntava se era preciso atribuir a Deus a origem do Mal. (FOUCAULT, 2008, p. 261).

Cabe notar que o título de O genealogista é então definido por Foucault para caracterizar Nietzsche (FOUCAULT, 2008, p. 262). Ele analisa a composição conceitual empregada pelo genealogista e apresenta nuances distintivas na tratativa da origem dos preconceitos e valores morais. Foucault nota (p. 261) que ele emprega dois termos em caráter



específicos, a saber, os termos *Ursprung* e *Herkunft*, “este último em alternância com *Entstehung*, *Geburt* e *Abkunft*, “um termo não é marcado” e “é encontrado em alternância com o termo *Entstehung*, *Herkunft*, *Abkunft*, *Geburt*” (2008, p. 261).

Na ausência de origem, é a multiplicidade de ficções que ocupa seu lugar. A filosofia não pode mais, sem origem e sem fundamento, pretender à unidade que confere significações últimas. Mas ela pode construir narrativas que nos permitirão, não de nos reencontrar, mas de nos inventar novamente. Os sistemas metafísicos deram lugar às ficções políticas (GROS, 2012, p. 125).

A importância do *Herkunft*, nota Foucault, é de tal maneira concebido em *Humano, demasiado humano* que tal termo é retomado em *A Genealogia da moral*, pois, é preciso retomar o sentido não utilizado na obra de 1887 do filósofo alemão. Esta distinção se torna essencial não apenas na pesquisa de origem, mas na concepção da proveniência dos valores, isto é, das “apreciações de valor”, estes valores não têm necessariamente uma origem, mas uma proveniência. Portanto, a genealogia exige certa obstinação na erudição, o genealogista precisa da história para conjurar a quimera de origem, “a história possibilita, inclusive, rir das solenidades da origem”, acrescenta Foucault (2005, p. 263). “Mas por que Nietzsche” - se pergunta Foucault -, como genealogista recusa, pelo menos em certas ocasiões, a pesquisa de origem? Porque primeiramente, a pesquisa, nesse sentido, se esforça para recolher nela a essência exata da coisa. Procurar uma tal origem é tentar reencontrar ‘o que era imediatamente, o ‘aquilo mesmo’ de uma imagem exatamente adequada a si”.

É neste sentido que se efetiva a recusa do genealogista pela pesquisa de origem, pela procura metafísica, mas por sua preferência em “ouvir a história”. O que se procura não é estabelecer pela história tradicional a coisa em sua essência, esquecendo que por trás das coisas há algo completamente diferente, não há um sempre contínuo, mas a coisa sem uma essência, e a história nesse sentido “seria o lugar da verdade”.

Ponto completamente recuado e anterior a qualquer conhecimento positivo, ela tornaria possível um saber que, no entanto, a recobre, e não cessa, em sua falação, de desconhecê-la; ela estaria nessa articulação inevitavelmente perdida em que a verdade das coisas se liga a uma verdade do discurso que logo a obscurece e a perder (FOUCAULT, 2005 p. 263).

Em *A Genealogia da Moral*, por exemplo, ver-se como a crítica nietzschiana aos historiadores e aos “metafísicos” procuram estabelecer um “sempre contínuo” à história. Os historiadores da moral tentam se apegar à metafísica e estabelecer uma linearidade “a-



histórica”. No entanto, esta tentativa fracassa porque a base ao qual eles se prendem consiste em colocar na história uma origem definida, e não como uma não-sucessão dos fatos. Foucault nos fala que o filósofo do *Zarathustra* se recusa analisar a origem, bem como o princípio definido e imóvel dos objetos na história.

A alta origem é “o exagero metafísico que reaparece na concepção de que no começo de todas as coisas se encontra o que há de mais precioso e de mais essencial”: gosta-se de acreditar que as coisas em seu início se encontravam em estado de perfeição; que elas saíram brilhantes das mãos do criador, ou na luz sem sombra da primeira manhã” (FOUCAULT, 2008, p. 263).

Há na atividade genealógica uma metodologia “anti meta-histórica”, certa obstinação na erudição (FOUCAULT, p. 263), isto é, nesta atividade busca-se as verdades “inaparentes”, se opondo-se ligeiramente ao desdobramento “meta-histórico” e à pesquisa de origem; ela se opõe à pesquisa da ‘origem’. É preciso, pois, *ir* em contrapartida a *wirkliche Historie* pois a história não é linear nem tem seus objetos de origem definida.¹ Segundo Carlos Eduardo Ribeiro: a *wirkliche Historie* seria o modo conforme o qual Nietzsche faz uma genealogia da história, uma espécie de dobra da história efetiva sobre a *história dos historiadores*, isto é, “Foucault elabora o modo como a genealogia é uma crítica da própria ideia de história” (2018, p. 128). O que Foucault chama de “História Efetiva” (*wirkliche Historie*) é tomado de Nietzsche para efetivar sua crítica ao teleologismo histórico e a tentativa de estabelecimento de uma linearidade (inexistente) à ela; sobre isto em *Sobre as Maneiras de Escrever a História* (1967) Foucault diz que “no que se chama de história das ideias, descreve-se em geral a mudança” (2008, p. 65). A pesquisa genealógica se empenha, portanto, em analisar o lugar da verdade frente ao postulado da origem. Sobre isto, na apresentação da obra *Ditos e escritos*, Manoel Barros da Motta explica que.

A genealogia não é uma análise presa ao postulado da origem (*Ursprung*), na medida em que este seria o lugar da verdade, “ponto completamente anterior recuado a qualquer conhecimento positivo, [e a origem] tornaria possível um saber que, no entanto, a recobre, e não cessa, em sua falação, de desconhecer-la. A proveniência (*Herkunft*), revela-nos Foucault, é para Nietzsche o objeto específico da genealogia. (Dits et Écrits, Apresentação XLV / XLVI).

Em relação ao postulado da *origem* na análise genealógica revelada por Foucault, este método não se prende à origem, mesmo embora tal busca pretenda o seu desdobramento, mas seu objeto de conhecimento são suas proveniências. Ela se antecipa a esta origem. Se



torna anterior. Sendo assim, pode-se notar que a investigação feita por Foucault destes conceitos na genealogia nietzschiana ultrapassa a fronteira analítica da linguagem manuseada pelo filósofo alemão e passar estabelecer uma exposição do manejo argumentativo do filósofo alemão quando se trata de seu inquérito sobre as “origens” dos valores morais de seu tempo a partir de uma meticulosa metodologia.

Se Foucault não dá um sentido dialético a *Ursprung* é porque ela, ao exigir minuciosidade do saber, obstinação, erudição, paciência, é um modo estratégico de começar uma outra história. Portanto, é preciso reter este sentido geral dado por Foucault: a genealogia sempre abre com meticulosidade um fundo falso como sua estratégia (RIBEIRO, 2018, p. 144).

Deste modo, podemos notar como a partir da distinção entre *Ursprung* e *Herkunft*, Foucault reconhece no genealogista, a distinção primordial sobre o qual opera sua investigação, na qual foi capaz não somente de distinguir as rupturas acerca do nascimento de certos valores mas de perceber esta desconstrução em seu tempo. Deste modo, a relação entre origem e proveniência se faz de forma sutil e meticulosa. Esta noção parte da investigação histórico-filosófica e pode ser atualizada, a nosso ver, como meio de compreender a história e o presente.

É nesta linha de pensamento que tanto a arqueologia quanto a genealogia se dirigem, no pensamento de Michel Foucault, a uma compreensão daquilo que configura não a origem, mas as proveniências dos saberes. Será nessa direção, portanto, que nossa análise se dirigirá a partir de agora, isto é, como essa metodologia foi utilizada pelo filósofo francês e qual a direção tomada. Apresentaremos agora a noção de diagnóstico do presente.

3 A ARQUEOGENEALOGIA E O DIAGNÓSTICO DO PRESENTE

Comprendemos que em Foucault o diagnóstico do presente parte de uma análise histórica amparada pela arqueogenealogia, isto é, por uma “disciplina dos arquivos” (DELEUZE, 2017) e de um estudo que por finalidade uma genealogia, isto a fim de notar as discontinuidades históricas que possibilitam a instauração de um saber sobre um dispositivo. O *saber* da medicina sobre a loucura, por exemplo, muda conforme as discontinuidades se sobrepõem.



Deste modo, exemplificando o que foi exposto até aqui, segundo a autora Kremer-Marietti (1977) acerca das análises de Foucault sobre os objetos da loucura “o que ele visava em suas obras era formação dos objetos da psicopatologia, ou, melhor ainda, das perturbações, das desordens, das aberrações, etc” (1977, p. 34), isto é, Foucault analisa as não-centralidades de um objeto para compreender o que constitui as visões clínicas e os olhares arqueológicos acerca deste saber em determinado tempo histórico.

Podemos perceber como estes objetos da psicopatologia têm suas proveniências a partir de nuances “obscuras” nas positivities e nas descontinuidades da história, as mesmas que Foucault percebeu como “perturbações, aberrações” (*idem*). Neste sentido, a formação histórica de um saber, como explicada por Deleuze (2013; 2017), formou-se a partir de “estratos”. É daí que notamos como a genealogia foi utilizada por Foucault.

Se o caminho trilhado pela filosofia contemporânea segue a proposta de reconhecimento e diagnóstico do seu tempo, é neste sentido que Foucault caracteriza seu trabalho como pensador da atualidade, que é diagnosticar o presente. É neste sentido que Michel Foucault desenvolveu seu *modus operandi* filosófico e uniu, de forma própria, o trabalho historiográfico com o filosófico, dando ensejo ao que ele diz ser trabalho do intelectual do seu tempo. O conceito de diagnóstico permeia o pensamento deste autor durante toda sua trajetória intelectual e nos fornece meios para compreender a atualidade e o meio em que estamos inseridos. Nesse sentido, em certa medida, podemos notar como as obras foucaultianas revelam um caráter de tentativa de atualizar a história para compreender a atualidade.

Quando o autor francês, por meio da arqueologia, buscou tratar das constituições e origens do saber médico sobre a doença mental em *A história da loucura*, sua pretensão era estabelecer como e em quais circunstâncias se tornaram impossíveis as constituintes do saber médico deste saber no período entre os séculos XVI e XIX. Sabendo disto, podemos perceber como nesse espaço de tempo, a medicina construiu seu discurso de tal modo que o que “falamos” e “vemos” hoje é fruto dessas constituições. Podemos notar também como tal projeto de autor foi possível a partir de uma análise da história desse saber.



Podemos notar como em suas análises histórico-filosóficas Foucault empreendeu um modelo de investigação filosófica que o permitiu compreender as condições de possibilidades pelo qual o indivíduo/sujeito³ passou a ser pensado a partir dos processos de subjetivação. “Podemos dizer que o que ele (Foucault) pretendia era estudar as formas de constituição do indivíduo moderno” (PEZ, 2016, p. 1).

Ressaltamos a cautela necessária ao tratar da noção de sujeito e indivíduo como sinônimos, no entanto seguimos a acepção de Pez (2016) quando se refere à tal ideia.

É necessário cautela quando pensamos o significado dos conceitos de indivíduo e sujeito na obra de Foucault. Quando dizemos que os mecanismos de objetivação e subjetivação produzem o indivíduo moderno, pode-se afirmar que o termo sujeito serve para designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece enquanto sua. É nesse sentido, que podemos dizer que a análise de Foucault não começa pelo Sujeito, mas consiste em pensar os processos de objetivação e subjetivação que antecedem à constituição deles. Fazendo a Genealogia desses processos Foucault ‘explicita a identidade do indivíduo moderno: objeto dócil-e-útil e sujeito’. Nesse sentido, sua análise também vai corroer mais um dos grandes pilares da filosofia ocidental: o sujeito do conhecimento (PEZ, 2016, p. 1).

Aceitamos essa acepção de Pez para afirmar o caráter de distinção ao mesmo tempo que sinônimos entre tais conceitos. Outro ponto de singular importância ao tratar dessa problemática é o lugar da verdade em relação a tais conceitos. Como nos mostra Souza e Furlan (2018): “A questão do sujeito em Foucault ganhou destaque singular com a introdução da problemática da ética em suas pesquisas, gerando, inclusive, em muitos de seus leitores, certa perplexidade, como se Foucault estivesse desdizendo o que havia pensado antes. Vale frisar, a esse respeito, as reiteradas ênfases de Foucault em defesa de uma experiência de pensamento que sempre traz em seu bojo a dinâmica da mudança de si, mesmo que se descubra, depois, sob o leito de uma questão permanente ou mais duradoura, vista sob diferentes prismas ou situações. Como ele dirá em 1984, a respeito da mudança de foco de seus dois últimos livros sobre a história da sexualidade, sua questão sempre fora a da relação sujeito e verdade”.



Nesse sentido, ao ser questionado sobre o “objeto de seu pensamento” em uma entrevista em 1984⁴ Foucault se posiciona quanto à noção de sujeito dentro de seus trabalhos. Para ele, mesmo embora tenha em diversas ocasiões formulado esse problema de maneira adversa, de modo geral, o que se buscava era saber como o sujeito se relaciona com os “jogos de verdade” através das práticas discursivas e não discursivas. Práticas discursivas e não discursivas entendidas como aqueles dispositivos científicos de dizer “o que é” e “o que não é” acerca de um determinado objeto.

Esse sempre foi, na realidade, o meu problema, embora eu tenha formulado o plano dessa reflexão de uma maneira um pouco diferente. Procurei saber como o sujeito humano entrava nos Jogos de verdade, tivessem estes a forma de uma ciência ou se referissem a um modelo científica, ou fossem como os encontrados nas instituições ou nas práticas de controle. Este é o tema do meu trabalho *As palavras e as coisas*, no qual procurei verificar de que modo, nos discursos científicos, o sujeito humano vai se definir como indivíduo falante, vivo, trabalhador. Nos cursos do *Collège de France* enfatizei essa problemática de maneira geral (FOUCAULT, 2004, p. 1).

São nas relações humanas com as instituições e com os discursos que se estabelece a problemática do sujeito enquanto objeto de controle, normalização, individuação, etc., sob o qual se estabelece à partir de suas relações com os outros e com ele mesmo. Esse problema, ademais, não se restringe às relações sujeito/instituição, mas também e sobretudo às relações de saber-poder que foi justamente onde se efetivara o caráter positivo do sujeito. Devemos salientar que para Foucault, dentro dos jogos de saber, há em conjunto, um jogo de poder no qual se estabelece as relações de saber-poder. Com efeito, o poder se efetua nos discursos do saber e este, por sua vez, se desenvolve no seio das relações de poder. Poder e saber, portanto, são compreendidos dentro de uma mesma lógica transversal em determinada análise. Essa relação possui uma singularidade que se estabelece nas relações humanas e se configuram como relações de poder.

As relações de poder têm uma extensão consideravelmente grande nas relações humanas. Ora, isso não significa que o poder político esteja em toda parte, mas que, nas relações humanas, há todo um conjunto de relações de poder que podem ser exercidas entre indivíduos, no seio de uma família, em uma relação pedagógica, no corpo político (FOUCAULT, 2004, p. 2).

⁴ Ver entrevista intitulada A ética do cuidado de si como prática da liberdade em: FOUCAULT, Michel. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade" (entrevista com H. Becker, R. Fomet-Betancourt, A. Gomez-Müller, em 20 de janeiro de 1984), *Concórdia Revista internacional de filosofia*. n 6. Julho-dezembro de 1984, ps. 99-116.



Como se estrutura, portanto, esse deslocamento em suas três “fases de pensamento” haja visto as constantes mudanças durante seu período de produção filosófica? Destacamos como no período da arqueologia do saber o que está em análise é o sujeito como objeto que se forma e se transforma em relação mútua. Aqui “haveria, pois, dois tipos de processos distintos, porém interdependentes: processos de subjetivação e processos de objetivação. Sujeito do saber e objeto de estudo enquanto resultados mútuos, que se erigiriam concomitantemente” (FURLAN; SOUZA, 2018) e que Foucault investigou sob o prisma dos enunciados científicos e das instituições médicas e psiquiátricas. O exemplo dessa análise podemos notar em suas três primeiras grandes obras: *História da loucura*, publicada em 1961, no qual o autor desenvolveu uma arqueologia acerca dos discursos médicos sobre a loucura; em *O nascimento da clínica*, publicada em 1963, em que analisou uma arqueologia do “olhar médico” e o nascimento da medicina; e em *A arqueologia do saber*, publicada em 1969, sobre o qual se têm uma análise arqueológica das Ciências humanas.

Os primeiros três grandes livros de Foucault efetuam três diferentes arqueologias. O primeiro, uma arqueologia da psiquiatria e da psicopatologia; o segundo, uma arqueologia da clínica médica (com especial olhar à anatomia e à fisiologia); o terceiro, uma arqueologia das ciências humanas (SOUZA; FURLAN, 2018, p. 327).

No segundo momento, denominado Genealogia do poder, como já apresentado, Foucault se deteve nas análises do poder e como ele atua através dos dispositivos disciplinares e dos mecanismos de regulação dos corpos. Suas pesquisas tomam o nascimento das instituições para apresentar como se instaura, na Modernidade, certas relações de soberania política sobre o corpo dos sujeitos. Em *Vigiar e punir*, por exemplo:

Foucault nota [...] o surgimento de uma sociedade disciplinar, na qual os corpos dos indivíduos estariam a todo momento vigiados, supervisionados, medidos, inspecionados, com a finalidade de formar uma interioridade normalizada – uma “alma” correta. Para Foucault, portanto, “não se trata de conceber, conforme certas correntes da metafísica clássica, uma alma dissociada do corpo em um processo dualista de relação, mas, sim, uma noção de alma criada diretamente sobre o corpo, em função dos interesses políticos sobre ele concentrados” (Silveira & Furlan, 2003, p. 176). Trata-se de analisar a constituição de sujeitos assujeitados pelo poder (FURLAN; SOUZA, 2018, p. 330).

Nesse período de produção, além das obras publicadas, o autor desenvolveu em suas aulas no *College de France* análises sobre o dispositivo da sexualidade, das práticas de liberdade, da governamentalização dos corpos, do nascimento da biopolítica, da questão



neoliberal, além de desenvolver a relação discursiva entre saber e poder⁵. No primeiro tomo da *história da sexualidade* intitulado *A vontade de saber*, em 1976, por exemplo, Foucault explora a tomada da sexualidade como dispositivo de “superprodução de saber social e cultural” e de “saber coletivo sobre a sexualidade” (Foucault, 1998), que ele denomina “hipótese repressiva”. Nessa obra fica claro o lugar do poder sobre a sexualidade do sujeito e como ele a compreende.

O poder sempre atuou com o objetivo de censurar e reprimir os homens quanto à sua sexualidade, a barrar-lhes possíveis discursos sobre ela, a interditar, tratar como pecaminoso ou impudico o assunto do sexo. Foucault então desconstruirá tal hipótese, mostrando que, na verdade, o inverso é que é correto: existe toda uma “superprodução de saber social e cultural”, de “saber coletivo sobre a sexualidade” (Foucault, 1978). “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo” (Foucault, 1976). Ele mostra como diversas instituições (a Igreja, por exemplo) e diversos saberes (como a psicanálise e a sexologia) incitam os indivíduos a exporem sua intimidade (sua “verdade”) mais cabal, intimidade esta que sempre tem relação medular com a sexualidade interna e misteriosa. A isso Foucault chamou de dispositivo da confissão (FURLAN; SOUZA, 2018, p. 330).

Conseqüentemente, no seu último período de sua produção intelectual, denominado Genealogia da ética, Foucault se detém na “estética da existência”. Conceito cuja reflexão direciona a noção de ética como “práticas de si” (FOUCAULT, 1984). Seu fio condutor de investigação liga o sujeito dentro das técnicas de si desde o período greco-romano para pensar as relações dos indivíduos na Modernidade.

Às técnicas de si seriam concernentes alguns tipos de operações que os indivíduos poderiam realizar por eles mesmos, em determinada época e sociedade, em seu próprio corpo, seus pensamentos e em suas condutas, “de modo a produzir neles uma transformação, uma modificação, e a atingir um certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza” (Foucault, 1984). Os processos de subjetivação serão então estudados de forma nova (FURLAN; SOUZA, 2018, p. 331).

As tecnologias e práticas de si seriam, portanto, o modo como o sujeito enfrenta a verdade a partir da máxima socrática *gnothi seauton* (conhece-te a ti mesmo)⁶, isto é, a partir

⁵ Ver o resumo das aulas ministradas por Foucault no Collège de France em: FOUCAULT, Michel. Resumo das aulas no Collège de France (1970-1982). Tradução de Andrea Daher; Consultoria Roberto Machado - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

⁶ Sobre isso, ver a aula de aula de 12 de janeiro de 1983 do curso intitulado O governo de si e dos outros em FOUCAULT, Michel. Curso no Collège de France (1982-1983). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.



do falar franco como imperativo ético. Em outras palavras, poderia haver, assim, “um espaço dentro dos jogos de verdade, certo espaço de liberdade no meio do qual os indivíduos poderiam não só refletir acerca do verdadeiro e do falso, mas também constituir-se enquanto sujeitos éticos” (*Idem.*). Nesse sentido, o que está em análise para Foucault, mesmo embora trate por vias distintas e por questões centralizadas em cada obra, é a relação entre sujeito e verdade, sujeito e poder.

Com efeito, a questão do sujeito é central nas suas análises durante todo seu período de produção filosófica mesmo que por vias distintas e com focos diferentes. Nota-se numa leitura atenta como o autor francês abordou essa questão mesmo que por vias distintas, mas com a intenção de posicionar o sujeito de acordo com as práticas positivas que se desenvolveram na Modernidade. Estabelecido esse itinerário e apresentado como se loca a noção de sujeito, iremos apresentar como essa concepção está ligada à questão política em Foucault. Abordaremos a noção de sujeito/indivíduo como dispositivo político e como essa concepção está intrinsecamente ligada à noção de vida - uma biopolítica: uma política sobre a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto pretendemos abordar a questão da arqueogenealogia foucaultiana para esclarecer seu modelo operatório de pesquisa histórico-filosófico a fim de demonstrar como esse modelo metodológico serviu ao diagnóstico do presente. Ademais, pretendi trazer também a questão do diagnóstico como desenvolvimento dessa concepção. A intenção foi mostrar como esse diagnóstico é possível através de um retorno crítico da história, mas não somente um retorno no sentido historiográfico, mas no sentido histórico-filosófico que marca tão insistentemente o pensamento do autor em questão. No mais, devemos salientar que tal tentativa de apresentar Foucault como um filósofo do presente, parte de uma linha tênue e se mostra deveras inacabada, o que nos obriga alertar que tal leitura é dotada de caráter



experimental e configura uma possibilidade de interpretação e não único meio de análise do pensamento foucaultiano. Sendo assim, a abordagem concebida ao longo do artigo pretendeu trazer argumentos que exprimem as possibilidades de interpretação do pensamento vasto de Michel Foucault e sua atualidade.

A hipótese deste texto consiste na ideia de que para se efetivar a noção de filosofia como diagnóstico do presente em seu pensamento, o autor francês necessariamente teve que retornar à arque-genealogia, na história, bem como a Nietzsche, na filosofia. Portanto, esta tarefa buscava compreender as condições de emergência dos mecanismos de poder de cada época (que poderíamos atualizar sempre as novas atualidades). Junto a essa hipótese central, supõe-se também, por conseguinte, que Foucault nas obras de sua primeira fase de pensamento já seguia essa linha de distinção entre nascimento, emergência, origem e proveniência dos objetos de sua análise histórica. Sendo assim, esta hipótese se baseia no conceito de "formação de pares" como proveniência de um saber em um dado tempo histórico. Deste modo, partimos da explicação deleuziana de que para Foucault, o que consiste em suas obras é perceber o "ver" e o "falar" de uma época

Concluimos trazendo uma concepção exposta pelo próprio Foucault, qual ele comparava sua filosofia a um bisturi: "fazer cortes e deixa-lhes a marca". Pois foi com sua arque-genealogia que assim o fez, analisando os recortes de tempo, dos discursos e dos enunciados, das rupturas e discontinuidades que empreendeu um itinerário caro à história da filosofia: uma análise dos sistemas de pensamento e suas atualidades.

REFERÊNCIAS

BAYS, D. G. *O sujeito em questão - Arqueo-genealogia das ciências humanas em Michel Foucault*. Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo, 2010, 155p [Dissertação de mestrado].

CARVALHO, P. R. *"Produzindo sentidos para um diagnóstico do presente"* In. *Diagnósticos do presente*. Org. NALLI, M; MANSANO, S. R. V. Maringá: Eduem, 2018.



CARVALHO, P. R. “*Foucault: atualizador da genealogia nietzschiana*”. Cadernos Nietzsche. n. 30, p. 221 – 249, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/cniet/article/view/7747>>. Acesso em 31 Dez. 2020.

CASTRO, E. *Introdução a Foucault*. Tradução Beatriz de Almeida Magalhães. Ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault*. um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução Ingrid Müller Xavier; revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHAVES, V. C. B. *Arqueogenealogia, soberania e disciplina*: uma problematização das passagens no pensamento de Michel Foucault. Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Recife, 2016, 83p [Dissertação de mestrado].

DENAT, C. A. “*Filosofia e o valor da história em Nietzsche*. Uma apresentação das Considerações extemporâneas”. Trad. Ivo da Silva Júnior. Cadernos Nietzsche, n. 26, 2010, p. 85-96. Acesso em 06 de Mar. 2020.

DELEUZE, G. *Michel Foucault: As formações históricas* (Aula 1). Trad. e Notas: Cláudio Medeiros, Mario A. Marino. São Paulo: n-1 Edições e Editora Filosófica Politeia, 2017.

DELEUZE, G. *Foucault*. tradução Claudia Sant' Anna Martins; revisão da tradução Renato Janine Ribeiro – São Paulo: Brasiliense, 2013.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução Salma Tannus Muchail. 3a edição, São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FOUCAULT, M. *Arqueologia das Ciências e histórias dos sistemas de pensamento*. Org. Manoel Barros da Motta; tradução: Elisa Monteiro - Segunda edição - Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2005.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. Curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria E. de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. Trad. José T. C. Netto. São Paulo: Perspectiva, 1978.



FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Netto; Revisão de texto: Antônio de Pádua Danesi - 11 Edição - São Paulo - SP. Editora Perspectiva. 2019.

FOUCAULT, M. “*Nietzsche, a genealogia, a história*”. In. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento (Ditos e Escritos II)*. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1980.

FOUCAULT, M. “*What is Enlightenment?*”. in: RABINOW, P. (Ed.) *The Foucault Reader*. Trad. do francês por Catherine Porter. New York: Pantheon Books, 1984.

GROS, Friedrich. *Michel Foucault*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 2012.

KREMER-MARIETTI, A. *Introdução ao pensamento de Michel Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

MARTINS, C. J. *Michel Foucault: a filosofia como diagnóstico do presente*. Universidade Estadual de Campinas: Instituto de filosofia e ciências humanas: Campinas, SP, 1998, 109p [Dissertação de mestrado].

MARTON, S. *Nietzsche: das Forças Cósmicas aos Valores Humanos*. 3. ed. São Paulo: Editora UFMG, 2010.

MUNSLOW, A. *Desconstruindo a história*. Trad. de Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

MUCHAIL, S. T. *Foucault, simplesmente*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. 1. ed. 3ª reimp. São Paulo: Companhia de bolso, 2013.

NIETZSCHE, F. W. “*Considerações Extemporâneas*” In: CIVITA, V. (Ed.). *Obras incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).

NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. - v.2. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, F. W. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução de J. Guinsburg. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.



REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos: Claraluz, 2005.

FORTES RIBAS. T. “*O Nietzsche de Foucault, o Foucault de Nietzsche*” In. Estudos Nietzsche. Curitiba, v.5, n. 1, p. 52-77, jan/jun. 2014.

RIBEIRO. C. E. “*O arqueólogo do saber é um leitor de Nietzsche? Nietzsche como enunciado*” Cadernos Nietzsche, n. 30, p. 251-285, 6 mar. 2019.

RIBEIRO, C. E. “*Nietzsche, a genealogia, a história: Foucault, a genealogia, os corpos*” in. Cadernos Nietzsche, São Paulo, v. 39, n. 2, p. 125-160, Aug. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-82422018000200125&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19 Jan. 2021.

YU, Q. “*L'archéologie habituelle et l'archéologie foucauldienne*” in. Revue Philosophique de la France et de l'Etranger, Ap-Je, v. 189, n. 2, p. 223-228, 1999.

Recebido: 13/08/2021

Aprovado: 03/09/2021